

Laura Gutman

O poder do discurso materno

**Introdução à metodologia de
construção da biografia humana**



EDITORA
ÁGORA

Do original em língua espanhola
EL PODER DEL DISCURSO MATERNO
Introducción a la metodología de construcción de la biografía humana
Copyright © 2011 by Laura Gutman
Direitos desta tradução reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Tradução: **Lizandra Magon de Almeida**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem da capa: **Markovka/Shutterstock**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@agora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

<i>Algumas explicações pertinentes.</i>	9
CAPÍTULO 1 Alguém dá nome ao que acontece.	25
A consciência se lembra do que é nomeado	25
A constituição do personagem	29
Ser amado a partir do personagem	35
Quanto maior o desamparo emocional, mais refúgio no personagem que confere identidade	38
CAPÍTULO 2 O discurso materno.	42
Detectar o discurso materno	42
Por que é importante descobrir pela boca de quem o indivíduo fala?	51
Como conseguir não impor um discurso iludido a nossos filhos	53
CAPÍTULO 3 O discurso do “eu iludido”.	58
Quando nosso discurso se apropria da voz oficial.	58
Reforçar o personagem que nos deu amparo	77
O fascínio gerado pelos personagens	80
CAPÍTULO 4 Histórias comuns	84
Defendendo o discurso materno	84
Miranda: a invisibilidade como refúgio.	85
Ricardo: um franguinho molhado e furioso	95
CAPÍTULO 5 Os estragos da repressão sexual	102
Patriarcado e repressão sexual	102
Daniela: moral, mentiras e sexo	109

CAPÍTULO 6 Fora do nicho	126
A repressão das pulsões básicas	126
Tudo que pensamos no nicho	130
Amparo: a distância entre o correto e a verdade interior .	134
CAPÍTULO 7 O abuso sexual como sistema vincular . . .	146
Reflexões gerais sobre o abuso sexual	146
Isabela, em busca de seu feminino interno	154
CAPÍTULO 8 As palavras que curam	170
O que o discurso materno não diz	170
As biografias humanas realizadas pela internet	171
João e sua falta de palavras	172
A função das palavras que descrevem realidades internas .	178
Ana e sua filha adolescente	180
CAPÍTULO 9 A busca de si mesmo	191
Cada biografia humana é um universo em si mesmo. . .	191
A busca de si mesmo	192

Algumas explicações pertinentes

QUANDO DOU PALESTRAS E SEMINÁRIOS, há pessoas que estão mais interessadas em mim do que em ouvir o que tenho a dizer. Querem receber um sorriso, um abraço, um olhar. Na verdade, quando essas pessoas se inscrevem, pagando às vezes um bom dinheiro, perguntam se vão poder se aproximar para falar comigo a sós. Aguardam esse momento como uma criança espera olhar o Papai Noel de perto. É frequente projetarmos poderes mágicos sobre os outros. E também é comum que alguns nos disfarçemos de magos, um pouco para agradar e também porque acabamos acreditando que somos isso mesmo. Na verdade, cada um de nós é mago apenas em relação a si mesmo. A questão é que preferimos depositar no exterior coisas que cabem a nós assumir.

Se eu jogasse esse jogo, ficaria no tinteiro tudo que quero transmitir, que é o que vou tentar descrever neste livro. Até hoje, não consegui colocar em palavras escritas o trabalho minucioso da **construção da biografia humana**. Sei ensiná-la muito bem de forma pessoal, sei preparar profissionais extraordinários que trabalham com uma lucidez impecável, apoiando os processos individuais de centenas e centenas de homens e mulheres que procuram nossa instituição em busca de assistência. Mas até agora não soube passar isso à linguagem escrita, e esse é o meu objetivo.

Acredito que o grande obstáculo que nós, seres humanos, temos na atualidade – e é a chave para compreender globalmen-

te a conduta humana – é a submissão infantil na qual permanecemos, em consequência do **poder do discurso materno**. Palavras ditas, repetidas várias vezes a partir de determinada lente – a de nossa mãe – que, em nosso caráter de crianças pequenas, adotamos como a única lente possível a partir da qual viver a vida. O modo como então perpetuamos esse “olhar”, carregando uma longa herança de ordens, preconceitos, medos, moral, conceitos filosóficos, religiões e segredos, nos deixa devastados. Sem saber quem somos. **Perguntando a torto e a direito o que é bom e o que é ruim.**

O trabalho retrospectivo que cada indivíduo – estimulado por uma dificuldade vital – tem a oportunidade de empreender merece um percurso longo e penoso. É tão árduo e tão diferente em cada caso que eu mesma estou dando voltas há anos para encontrar uma maneira ordenada e sensível de explicar. A diversidade de experiências, processos pessoais, aberturas, perguntas e confrontações com o próprio material sombrio é muitíssimo mais rica do que a linearidade de uma teoria que pretenda recoller tais vivências. Por isso talvez seja pertinente que eu explique aos meus leitores como fui chegando, depois de quase 30 anos de trabalho, às reflexões que organizei neste livro, e para isso quero compartilhar algo de minha história profissional.

Talvez vocês saibam que comecei o trabalho de indagação sobre a conduta humana com base nas problemáticas atualizadas desse momento tão invisível e pouco valorizado socialmente que é o **fato materno**. Era tal a limitação das mães jovens, e de fato eu tinha tanta empatia por elas (sempre tive, inclusive antes de ser mãe), que me parecia natural, totalmente sensível e espontâneo, ajudar, apoiar, conter e traduzir todas as sensações ambivalentes que inundavam as mães com bebês ou com crianças de colo. Assim começou meu trabalho. Ainda na época em que vivia em Paris, com meus dois primeiros filhos já nascidos,

sendo testemunha da distância emocional de que padeciam muitos franceses (mais do que nós, latinos), sendo também testemunha dos maus-tratos nos partos, da difícil tarefa de amamentar, ainda quando a lactância não estava na moda e poucos pediatras a toleravam. Nesse momento – em meio aos meus ideais de juventude, ao exílio, à descoberta do feminismo, ao pós-Maio de 68, à macrobiótica e às correntes orientais progressistas que chegavam com suas lufadas de pensamentos livres – eu erguia todas as bandeiras sempre que houvesse uma boa causa a defender. Quem poderia ser contra? Incentivar as mães a amamentar só podia ser algo positivo. Era isso o que eu pensava, amparada por minha juventude.

Voltei a Buenos Aires e continuei o trabalho de “apoiar as mães”. Claro, apoiar sempre é algo bom. E enquanto nós, mulheres, atravessávamos com maior ou menor desespero os períodos puerperais, sentindo-nos estranhas, loucas ou desequilibradas, uma palavra de apoio era bem-vinda. Os anos foram passando e, ao trabalhar com as mulheres, e aos poucos também com os homens – sentindo igualmente empatia, compaixão, carinho e todas essas coisas que nos aproximam dos seres humanos quando abrimos o coração –, comecei a me dar conta de que, na verdade, havia outros obstáculos muito mais profundos, internos e escondidos, que não tinham muito que ver com a dificuldade de ser mãe na sociedade atual, mas com a maneira como hoje cada um de nós examina a vida e a vive.

Timidamente, fui organizando um sistema de indagação, baseando-me no princípio nas lembranças da infância. Até que logo me dei conta de que as lembranças não eram assim, e de pouco serviam para chegar à verdade pessoal. As lembranças eram quase sempre **desbotadas**. Tergiversadas. Fui constatando que abordar as lembranças era uma tarefa muito difícil, assim como tentar limpar um quarto desorganizado e abandonado por

40 anos, cheio de panos sujos e sem utensílios para começar a arrumação. A vida das pessoas se apresentava da mesma forma: com urgência, para que, com um passe de mágica, esses quartos se tornassem um luxo para donzelas, mas sem indicações confiáveis para descartar o que não servia e deixar de lado o que lhes pudesse ser útil.

Algo também me chamava atenção: as urgências. Quanto maior a disponibilidade de minha parte, mais urgências apareciam. Rapidamente aprendi algo que logo confirmei: **as urgências só pertencem ao âmbito das equipes de hospitais e bombeiros**. Tudo mais precisamos de 30, 40 ou 50 anos para organizar, portanto necessitaremos de período semelhante para desmontar. Não podemos resolver tudo “isso” com urgência, mas com tempo.

Nessa época, também me chamava a atenção que as pessoas que tinham mais urgência eram as que menos estavam dispostas a olhar em seu interior e as que mais clamavam por soluções mágicas. Aprendi, pouco a pouco, que os tempos eram muito pessoais e as supostas soluções também. Portanto, não valia a pena se desesperar.

Vários anos depois, comecei a publicar livros. O mais bem-sucedido foi e continua sendo *A maternidade e o encontro com a própria sombra*, porque é um texto com o qual as mulheres se identificam. Elas leem e afirmam: “Isso acontece comigo, é igualzinho”. Então, logo depois de ler e sentindo-se “compreendidas por alguém”, projetam na autora um suposto saber, acreditando que contarão com uma solução exata para resolver qualquer outro problema que possam ter. A reflexão mais frequente é a seguinte: “Se alguém sente ou pensa como eu, as conclusões a que chegar serão perfeitas para mim”. E apesar de ser um livro que traz alívio para muitas mulheres com crianças pequenas, encarado por muitas como uma “salvação” (simples-

mente porque dá nome a estados alterados de consciência nos quais entramos após o puerpério, coisa que não é pouco, já sei), somos tentadas por um mecanismo conhecido: queremos nos sentir bem com a opinião alheia. E, se conseguimos obtê-la, já não estamos interessados em nos compreender mais.

Pois bem, mesmo que seja prazeroso encontrar pessoas que pensem como nós, **isso não serve para nada**. Simplesmente nos sentimos um pouco mais adequados, talvez. Mas nada além. Em meu modo de ver, o trabalho profundamente revelador é aquele voltado para **integrar nossa sombra**. Todos os mecanismos, sistemas, filosofias, linguagens ou metodologias que acompanhem os processos de encontro com a própria sombra são os que serão úteis para compreendermos nossas escolhas e a responsabilidade que acompanha cada decisão, seja ela consciente ou não. Somos nós, e apenas nós, que construímos nossa vida. Nada alheio a nós pode nos acontecer. E, se algo que construímos nos traz sofrimento, então cabe a nós compreender como foi organizado, se pretendemos desmontar isso com o que contribuimos para fazer funcionar. Espero que fique claro que **não há conselho que sirva**. Nenhum conselho serve para absolutamente nada.

Apesar dos pedidos constantes para que eu assumo o papel de mago que traz alívio às mães, não o fiz, pois é algo que descredito totalmente. Bem ao contrário, ao longo dos anos fui afinando uma metodologia para abordar a realidade emocional de nós como indivíduos, despojando-nos de tudo que opinamos sobre nós mesmos. Tarefa muito difícil. Porque todos temos opiniões sobre tudo, e mais ainda sobre nós mesmos. E um dos obstáculos é deixar bem claro que o profissional que acompanha esses processos só trabalha como um **detetive**: organiza a informação, coloca-a sobre a mesa, descarta tudo que não se encaixa, descobre as peças faltantes, procura-as, ordena-as novamente,

observa de todos os ângulos e até com zoom: se aproxima e se afasta, se aproxima e se afasta. Então, com toda essa informação reunida e organizada, deverá cotejá-la conosco, pois afinal se trata de nossa vida. Definitivamente, somos os únicos que podemos dizer “sim” ou “não” ao olhar o “mapa” de nossa história, a constelação, a estrutura familiar, ou como quisermos chamar.

Nesse sentido, o profissional não é alguém que necessariamente sabe muito. Nem é a pessoa a quem se pergunta o que devemos fazer sobre cada coisa que nos acontece. É apenas alguém treinado em certa **metodologia** de trabalho, que vai nos ajudar a organizar as lembranças, os sentimentos, o que foi nomeado durante nossa infância, o que não foi manifestado ou foi silenciado. É alguém que vai nos acompanhar para observar as cenas completas de nossa vida. Mas cada um é que vai constatar se as peças se encaixam internamente ou não.

Minha intenção neste livro é explicar como estamos realizando o trabalho de **organização da biografia humana**, como detectamos os personagens para então jogar as cenas na vida cotidiana, quem dá nome às coisas, e como apoiamos os processos de indagação pessoal, para compreender mais e melhor nossas escolhas cotidianas. Seguramente dentro de cinco anos estaremos trabalhando de outra maneira, porque esse trabalho é dinâmico: muda em função de cada pessoa que nos procura, muda com cada profissional que submerge nessas descobertas, muda a cada instante. Sinto muito, mas isso acontece nesses tempos de internet e velocidades siderais: quando este livro estiver publicado talvez já tenhamos incluído umas tantas variantes em nossa forma de trabalhar.

Então, não importa o que é correto ou o que é incorreto. Não sou a favor nem contra nada. A única coisa que importa é compreendermo-nos mais e entendermos a lógica de nossas ações, de nossos rancores, de nosso medo ou de nossa rigidez.

Se estamos procurando o equilíbrio fora de nós, não o encontraremos nunca; no máximo encontraremos aliados, mas isso é outra coisa.

Até mesmo explicando isso em cada circunstância, me encontro, várias vezes, com centenas e centenas de pessoas que, depois de me escutar um dia inteiro, ou dois dias, ou três... em jornadas longas e intensivas, me perguntam: “Diga-me, Laura, o que você opina sobre o leito compartilhado?” Ou sobre qualquer outra coisa: perguntam-me sobre as vacinas, a alimentação, a economia, a psicanálise tradicional, a política... e acontece que tenho minhas opiniões, como todo mundo, claro. Só que não tem nenhuma importância que eu opine, nem importa como gosto de viver minha vida. É assunto meu, e tem que ver... com minha sombra!, sem dúvida. Mas por isso mesmo, possivelmente, não encaixe na luz nem na sombra dos demais. Entretanto, temos a sensação de que, se alguém a quem delegamos o suposto saber nos diz algo que faz sentido, temos razão! E nos sentiremos mais fortes para discutir com alguém que pensa o contrário. Tudo isso, porém, não serve para nada. Só serve para perpetuar o personagem de alguém que necessita ganhar uma guerra para sentir que tem o direito de continuar vivendo. Mas se esse fosse nosso personagem... nossa tarefa seria desmascará-lo, em vez de alimentá-lo para que continue fazendo estragos pelo mundo.

É verdade que já ensino essa metodologia que proponho há muitos anos, e sempre surgem novos profissionais dispostos a me acompanhar nessa tarefa. O ensino muda, porque a prática cotidiana e a experiência abrem novos modos de encarar com amor e inteligência os acompanhamentos terapêuticos.

Para acalmar as fantasias dos leitores, gostaria também de explicar como funciona a escola de formação profissional que dirijo na cidade de Buenos Aires, à qual todos querem vir mas

poucos suportam cursar até o final. Sinto-me na obrigação de explicar isso, não para vender um produto, mas porque muitos leitores sabem que os profissionais que trabalham ao meu lado foram todos formados em minha escola, que se baseia principalmente no estudo e na prática da metodologia da **construção da biografia humana**. Essa metodologia não é única, nem a melhor. Mas é boa e ajuda muita gente.

Diariamente recebemos pedidos pela internet para “abrir uma filial” de nossa escola em diferentes locais, em todas as partes do mundo. Entretanto, aprender a acompanhar processos individuais ou grupais do material sombrio não se resolve abrindo uma filial para apoiar as mães. Por isso meu objetivo é explicar da maneira mais explícita possível do que se trata.

Quanto à formação profissional, o primeiro ano é simples. Falo em todas as aulas. Mas, ao mesmo tempo, os alunos têm de participar de um grupo no qual dois profissionais de minha equipe de trabalho vão ajudá-los ao longo do ano a construir a **própria biografia humana**. E, dentro do grupo, os demais colegas são testemunhas desse processo. Como a maioria dos alunos é composta por profissionais experientes de outras áreas, esse sistema de se “submeter” mais uma vez a rever a própria história causa rejeição e certa preguiça. Mas considero que não há “formação profissional” possível se não passamos pela penneira de nossos próprios personagens e ideias preconcebidas. Extraordinariamente, pretendemos abordar uma teoria apenas a partir do intelecto. Porém, em questões da alma humana, acredito que a maneira mais autêntica é colocar a mente a serviço do raciocínio ordenado e o coração a serviço da vibração intuitiva, ou seja, ambas as ferramentas humanas em uníssono.

Eu dizia a vocês então que todo o primeiro ano transcorre na descoberta de nossos personagens e, sobretudo, na aproximação com a realidade emocional de nossa infância, que quase sempre

foi mais carente, solitária e maltratada do que imaginávamos. Por quê? Porque ninguém tinha nomeado algo assim. Este é o primeiro impacto: tomar consciência de que viemos de uma história emocionalmente bem mais árida do que tínhamos registrado, e com feridas abertas, sem sequer ter a consciência delas.

Para muitas pessoas essa passagem já é dolorosa demais, ou necessitam de mais tempo para continuar processando tudo que redescobriram (pois, honestamente, não há nada totalmente novo, só há uma maneira atualizada de observar e dar nome àquilo que sabemos de nós mesmos).

Aqueles que ainda têm vontade e entusiasmo empreendem o segundo ano da escola. No transcurso desse ano, já não vale a pena continuar nos escondendo. Dedicamo-nos a aprender a trazer os “mapas familiares” pessoais. Ou seja, desenhamos as cenas familiares completas, tanto as da infância como as da atualidade, e olhamos “de fora” todos os movimentos. O grupo inteiro de alunos é testemunha de cada mapa. Podemos dizer que cada aluno “empresta” sua história, sua organização de luz e sombra, para o estudo. No final do ano, atravessamos as dificuldades, as cegueiras e os preconceitos, que são os obstáculos mais frequentes para a abordagem de cada biografia humana. O maior susto dos alunos antes de começar é a fantasia de “ficar exposto”. Mas, ao término do ano, damos conta de que compartilhamos mais ou menos os mesmos sofrimentos, as mesmas coraças, o mesmo desamparo e os mesmos discursos enganosos. Não temos por que ter vergonha se estamos dispostos a ver o que é verdade e o que é discurso. Depois dessa experiência grupal – que costuma ser muito reveladora e complicada –, todos apreciamos uma sensação poderosa de irmandade e solidariedade, porque nos compreendemos mais. Em paralelo, os alunos continuam em seus respectivos grupos de indagação pessoal, dando ainda mais voltas em espiral sobre a própria bio-

grafia, e também sobre as dificuldades de abordar as problemáticas atualizadas.

Algumas pessoas conseguem concluir esses dois anos. Muito menos do que as que começaram com entusiasmo e vontade de trabalhar para ajudar os outros. Damo-nos conta de que temos muito para observar em nosso interior antes de querer que os outros mudem. Quase sempre acontece algo que não posso prever com antecedência. Muitas pessoas que começaram essa formação com o propósito de trabalhar com essa nova metodologia tomam consciência de que necessitam ou desejam continuar trabalhando sobre si mesmas. E concentram aí seu interesse. Paradoxalmente, outros que empreenderam essa viagem por curiosidade pessoal ou para se sentir bem, ou porque acreditavam que aprenderiam a criar melhor os filhos, descobrem uma vocação, uma maneira de organizar o pensamento, um desejo potente de continuar se formando para trabalhar com outros indivíduos.

Nesse ponto, quase todos tiveram a experiência pessoal e grupal de quão **ingrato e doloroso** esse trabalho pode ser. Estamos procurando **sombra**. Se procuramos sombra, em geral não vamos encontrar nada bonito. As fantasias de ajudar as mães no puerpério com seus bebês continuam válidas, mas já temos uma aproximação maior de realidades emocionais tristes, violentas, hostis, áridas e quase nunca reconhecidas.

Nesse momento, depois de dois anos compartilhando o exercício de tirarmos as máscaras, e fazendo que esse “olhar para o outro lado trazendo a voz dos demais” se transforme em uma maneira de viver, faço uma escolha subjetiva. Sim. Simplesmente escolho entre meus alunos aqueles que parecem estar em condições de trabalhar no futuro em minha instituição, sob essa modalidade. Para isso, valorizo o processo que fizeram ao longo desses dois anos. **Não me importa a formação profissional anterior** (quero dizer exatamente isso: não me importa

se são médicos, psicólogos, psiquiatras, sociólogos, advogados, arquitetos, professoras, professores de ioga, enfermeiros, buscadores sem rumo, donas de casa, jovens ou velhos, homens ou mulheres, com ou sem filhos, hétero ou homossexuais. Não me importa. Na verdade, não exijo nenhum requisito para ingressar em minha escola, exceto a intenção de abrir o coração e comprometer-se emocionalmente). De qualquer maneira, valorizo o processo pessoal que cada indivíduo percorreu com base em uma avaliação pessoal e subjetiva, portanto crivada de inexistências e erros. E seguramente inundada de minha própria sombra projetada. Entretanto, até agora não encontrei outra forma de fazê-lo, então continuarei me equivocando.

Pois bem, essas pessoas escolhidas cursam um terceiro ano de aprendizagem. Tornam-se “praticantes”. O sistema funciona assim: muitos indivíduos se comunicam com nossa instituição pedindo ajuda. Alguns não podem pagar os honorários. Então temos um serviço, para quem o solicita, de assistência com “honorários institucionais”: um eufemismo estranho utilizado na Argentina que significa “barato”. Essas pessoas que pagam pouco serão atendidas por alguns desses “praticantes” egressos de minha escola, a quem oferecemos pessoas reais para começar a trabalhar sempre sob a metodologia aprendida, ou seja, a **organização da biografia humana**. Sempre, sempre, sempre, não importa qual seja o motivo de consulta aparente do indivíduo que pede assistência. Durante esse terceiro ano de aprendizado, minha supervisão é permanente, caso por caso, entrevista por entrevista. Ao longo desse processo, os praticantes se encontram habitualmente com realidades ainda mais difíceis e dolorosas: indivíduos cegos, resistentes, sofredores, esquecidos, confusos, negadores, depreciativos – enfim, que usam os mecanismos de resgate emocional aprendidos durante a infância, e que ajudaremos a reconhecer como tais.

Durante esse ano de práticas aprendemos algo mais, também importante para o sistema de trabalho que implementamos: cada praticante aprende a escrever informes, depois de cada encontro, com uma ordem e um modo que vamos aceitando à medida que o ano passa. De minha parte, também vou ensinando a eles minha maneira de supervisionar, de organizar, de detectar o personagem, o discurso do eu iludido, traçamos os mapas, fazemos um acompanhamento bastante detalhado de cada atendimento. É muito trabalho e dedicação.

Esse terceiro ano costuma ser extremamente árduo. É um encontro brutal com a realidade. Ou, mais especificamente, com o buraco emocional abismal da maioria das pessoas que atendemos. Meu compromisso continua sendo muito dedicado e pessoal. Cada praticante enfrenta suas limitações, medos, dificuldades, sua própria ingenuidade e sua sombra. Definitivamente, também cada um se encontra com os indivíduos que lhe correspondem.

Quando o terceiro ano termina, encontro-me em uma nova situação antipática de escolha. Elejo as pessoas que considero em condições de trabalhar em minha equipe propriamente dita. Às vezes algumas delas solicitam retomar outro ano letivo no sistema de praticantes, porque reconhecem ainda sua sombra colando-se às histórias dos demais, sua dificuldade de organizar o pensamento ou a necessidade de continuar em treinamento. Cada ano é diferente. Alguns continuam seu caminho profissional, e levam tudo que aprenderam para exercer em suas diversas profissões. Outros têm o sonho de trabalhar na equipe que atende crianças.

Suponhamos que uma pessoa ingresse, em seu quarto ano, na equipe. Vai compartilhar as coordenações dos grupos. Ou seja, vai continuar aprendendo com um colega mais experiente e há mais anos trabalhando comigo. Desse modo, todo ano os mais “velhos” vão se entrelaçando com os “mais novos”.

Essa equipe de profissionais que está em movimento contínuo tem algo muito particular que a torna especialmente rica. Todos conhecem as biografias humanas de todos e os processos que fizemos para chegar ao lugar em que estamos hoje. Portanto, quando nos defrontamos com uma dificuldade qualquer em relação a um indivíduo, um casal ou grupo, temos a capacidade de trabalhar não só a dificuldade de quem se consulta, mas a do profissional incluído nessa relação. Penso que é algo muito valioso, porque o lugar da consulta não deixa de ser um local simbólico para todos.

Quero contar a vocês algo mais: os profissionais que trabalham em minha equipe não deixam de se surpreender com quão **ingrato** pode ser esse trabalho. Há poucos momentos gratificantes e muitos, muitíssimos, nos quais ficamos submetidos a maus-tratos, manipulações, falta de pagamento, falta de compromisso, pretensões desmedidas, exigência de resultados e zangas projetadas. Sabendo que viemos das histórias que viemos, é lógico que seja assim. Porque somos uma massa de criancinhas desamparadas querendo que alguém atenda a todas as nossas necessidades. Necessidades infantis impossíveis de satisfazer, façamos o que fizermos. Por isso, muito além dos ideais de querer um mundo melhor (não vamos abandonar esses ideais, porque ficaríamos sem entusiasmo) o trabalho de **busca da própria sombra é duro**. Ter um bebê nos braços pode ser doce. Mas enfrentar a aridez da própria infância é complicado.

Também gostaria de contar a vocês – de um ponto de vista estritamente pessoal, já que isso parece uma longa confissão – que venho dedicando longos anos e muitíssimo esforço para formar profissionais. E que muitos deles, de quem gosto, a quem defendo, conheço e apoio, depois de alguns anos, decidem deixar a instituição. Por cansaço. Porque se exige demais deles. Porque é muito mais ingrato na experiência real do que imaginaram,

mesmo tendo ouvido minhas advertências. No caso das mulheres, porque ficaram grávidas. Porque sentem que é excessivo e não conseguem responder à família de um lado e às demandas da instituição de outro. Ou por motivos que desconheço. A questão é que formar profissionais exige tempo e dedicação demais, e então esse profissional não necessariamente “fica do meu lado”. Não é uma reclamação, é simplesmente uma descrição da realidade, como a vivo há muitos anos.

Enquanto trabalhamos em meio à penúria das histórias cotidianas, entrando na realidade emocional de centenas de famílias e tentando gerar pensamentos novos, chegam de todas as partes do mundo os pedidos, as exigências e até certas ofensas, para que eu organize “a distância” uma escola como a que funciona em Buenos Aires. A ideia é que muitas outras pessoas possam ter acesso a esse tipo de formação pela internet. Para responder a todos esses pedidos, sinto-me na obrigação de explicar por que não poderia abrir filiais alegremente, como se fosse uma franquia de um produto vendável.

“A distância” é outro eufemismo que me parece curioso. Significa que algum “saber” vai chegar virtualmente pela internet, como nos chega tanta boa informação, e vai entrar em nossos poros pela arte da magia. Faz anos que penso em como implementar isso. Mas sempre dou de cara com a realidade: formar-se como profissional requer, acima de tudo, atravessar o **processo pessoal da construção da biografia humana**, desenhar nosso mapa, revisar nossos vínculos, ter clareza quanto a nossos próprios personagens, descobrir pela boca de quem falamos, revisar nossas guerras, confrontar-nos com nossas misérias, nossos medos e todos os nossos mecanismos de sobrevivência. E, levando em conta a experiência de tantos anos de escola, sei que esses processos duram anos, em um *tête-à-tête* muito difícil. E também sei que, ao enfrentar os próprios demônios, muita gen-

te desiste de continuar essa “formação”. Como fazer então? Como propor esse trabalho “a distância”? Lamentavelmente, não conto ainda com um número de profissionais experientes que possam se dedicar individualmente e “a distância” a seguir cada processo em particular. Portanto, ainda não implantei nada nesse sentido.

Toda essa explicação tem por finalidade que meus leitores saibam que **este livro não trata da criação de filhos**. Trata de cada um de nós, de nossa infância e, especialmente, de tudo aquilo de que nos lembramos sobre a nossa infância, mas que move os fios da totalidade de nossa vida. Este é um livro para nos compreendermos mais.

Todos nós – nascidos em uma sociedade patriarcal na qual o cuidado e o amor realmente não têm espaço – vivemos infâncias desprotegidas, submetidos a ordens repressivas burras, e dependentes de mães por sua vez submetidas a seus próprios medos e rigidezes afetivas. Assim crescemos: muito necessitados de cuidados. Então, quando viramos adultos e temos problemas, da ordem que sejam, pretendemos que alguém os resolva para nós (como esperam as crianças em relação aos adultos). Por isso somos tão viciados em soluções mágicas. Esperamos até que alguém nos diga exatamente o que devemos fazer, supondo que se fizermos “isso” solucionaremos o problema. Obviamente, é algo tão infantil que não merece maiores explicações. Entretanto, ainda hoje, com vários livros publicados, continuo recebendo em nosso site centenas de pedidos de soluções por dia.

Não é demais dizer que pessoalmente essas mensagens me frustram. Sobretudo quando alguém começa escrevendo: “Prezada Laura, sou uma admiradora fiel, li todos os seus livros, por isso sei que só você pode me ajudar”, depois explica o problema, por exemplo: “Meu marido não é carinhoso com nosso filho” e

pede uma solução, a saber: “Você não acha que meu marido deveria mudar de atitude, mesmo que não tenha recebido amor quando criança?”

Como vocês podem imaginar, eu deveria responder: “Como eu posso saber do que você precisa, do que seu marido precisa ou do que seu filho precisa? O ideal seria que você investigasse”. Porém, tentamos ser amáveis, respondendo de forma carinhosa, mas definitivamente sem a resposta que a pessoa esperava.

Em todos os meus livros escrevi sobre a necessidade de rever a própria história, em alguns deles desenvolvi um pouco mais a metodologia da construção da biografia humana... entretanto, **nossa sombra é mais forte**. Nossa necessidade de ser amados, levados em consideração, ninados, abraçados... é mais forte. Por isso preferimos, em todo caso, uma palavra de alento... que será mais quentinha do que **a fria proposta de rever o deserto emocional que nos constitui**.

Definitivamente, esta é uma advertência. Este livro pretende ser **uma aproximação à nossa árida realidade emocional. Não traz receitas para criar bebês saudáveis e felizes**. E se para alguém parece que sou muito dura, só tenho a dizer que dura é a nossa vida. Dura é a vida dos bebês. Dura é a vida das crianças. Áridas são as realidades emocionais e os vazios afetivos das pessoas. A mim coube apenas me aproximar dessas vozes.